

A CONJUGALIDADE PERMEADA PELA MÍSTICA CRISTÃ: SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O MATRIMÔNIO E FAMÍLIA

Francisco Nascelio Maciel¹

Resumo: *Analisando o contexto social contemporâneo vê-se que o homem encontra-se imerso nesta realidade de crise dos valores onde o consumismo e o individualismo são acentuadamente negadores dos fundamentos societários das interações humanas, em especial a família. Cômico deste paradoxo, suscita-se uma integração entre a fé e a vida no intuito de superação deste marasmo.*

Palavras-chave: Matrimônio; Família; Conjugalidade; Interações; Vocação.

Nos últimos quarenta anos a sociedade tem tido uma vasta mutabilidade e a conjugalidade está sendo afetada de modo notável. Evidente que a conjugalidade contemporânea está com suas forças em interação de ajustes no sentido de busca de concretização, no intuito de responder aos anseios dos cônjuges.

A emancipação da mulher no espaço público e privado, a sua significativa participação no campo profissional e sua importante contribuição nos aspectos econômico e financeiro são crescentes e revolucionárias. Interessante que todo discurso que se faz da globalização e concernente a isto, inclui a individualização, a autonomia, a satisfação pessoal, a independência, os questionamentos sobre as relações de gênero. É óbvio que esta pluralidade tem ocasionado uma fragmentação, um relativismo que suscitou conseqüentemente uma diversidade de convivências onde a família se torna polissêmica.

No entanto, crê-se que a família é fundamental, basilar para a pessoa humana porque possibilita uma relação social e interativa. Fazer a simbiose entre individualidade e conjugalidade supõe um conhecimento da riqueza que há entre duas pessoas com diferenciações personalísticas, que no cotidiano se evidenciam: na história pessoal, na subjetividade, nas percepções de mundo, nos projetos de vida, na relação amorosa que podem se redefinir pelo diálogo pela escuta, pelo acolhimento e pela perspicácia que os amantes vão se descobrindo, se assumindo e dando funcionalidade as suas vivências de bem-estar, de realização pessoal e conjugal familiar.

“As pessoas podem ser iguais e diferentes e para serem iguais devem ser diferentes. Por paradoxal que pareça, a igualdade se constrói com a diversidade. A construção ideológica do conceito de feminino e masculino passa igualmente por essas duas vertentes” (SOUZA, 1987, p. 43)

Foucault (1987) profere análise interessante do nexo que há em historicamente se analisar o casamento para os indivíduos no contexto social contemporâneo. Do ponto de vista institucional, considerando-se as dimensões da aliança e da sexualidade, emerge uma considerável percepção do processo pelas quais essas dimensões estão de modo operoso vinculadas às reais condições de convivências da conjugalidade.

Sabe-se que o poder que emana do modelo burguês de casamento, tantas vezes difundido de maneira torpe, tem como conseqüência uma sexualidade com raízes fincadas no poder que transparecerá a sua pujança.

¹ Mestrando em Família e Sociedade Contemporânea pela UCSAL.

Daí decorre o modelo de casamento onde se configuram a filiação, o parentesco, as relações interfamiliares, partilha dos bens e a nova identidade que se acresce com o nome do parceiro conjugal que irá transcender ao seu aspecto nômico.

Nisso nos afirma Foucault (1987) o casal não terá mais a lei como referência e sim, o corpo, o saber cultivar o prazer, o saboreio, o curtir bem a sexualidade no âmbito familiar, da intimidade sem se descuidar do aspecto homeostático que a conjugalidade proporciona no seio familiar. A mesma torna-se o lugar dos afetos, da convivência, dos sentimentos, do amor que irá incidir na eclosão da sexualidade.

“Se por um lado, os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um, por outro, surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais”. (CARNEIRO, 1998).

Numa sociedade onde o solipcismo se torna crescente e, tantas vezes, até egocêntrico, faz-se necessário perceber pelas experiências factuais que o individualismo não pode ser a meta de resposta para a realização e a autonomia. Em suas análises Singly (1993) afirma que a família pode colaborar na viabilização do indivíduo autônomo, contudo lá de se ser tático e os cônjuges precisam se moldar no sentido de ser “um” em sendo “dois”.

Portanto, diante da fragmentação e fragilidade em que se encontra o homem no contexto contemporâneo, as ciências de modo interdisciplinar precisam oferecer metas, estratégias e orientações, dando solidez ao indivíduo e o potencialize para erradicar essas mazelas, superando as crises e realizando o tão sofrido coração humano em busca da sua felicidade!

Os estudiosos Rasmusem e Feraro, em suas constatações, afirmam que os dados divulgados no último censo pelo IBGE, em 1994, têm como indicador dessa realidade conjugal um divórcio para cada quatro casamentos. O que trará graves conseqüências para as famílias.

É óbvio que esta realidade não deixa de ser um reflexo de toda uma onda de subjetivismo, egoísmo e superficialidade com que se assumem os compromissos e, em decorrência, isto se tornará um ciclo de vantagens e desvantagens que neste jogo de relacionamentos implodirá contra si próprios, especificamente no divórcio.

Muito embora as relações extra-conjugais, o autoritarismo, a violência física, as dificuldades financeiras, a bebedeira, a pouca percepção do mundo e suas complexidades sejam forte contributo para a separação e o divórcio, crêem que esta situação é um fenômeno complexo de amplas dimensões (Rasmusem e Feraro).

É inegável que quanto mais harmonizado, maduros, corresponsáveis, abertos ao diálogo, solidários, sinceros, esforçados pelo mútuo bem - estar e transparentes, muito mais estarão ilesos da separação. De certo modo, percorrerão um itinerário de circunstâncias onde haverá crises, temores, retratação e repulsão, mas terão mais elementos que darão solidez ao casal e à família.

Em 1980 a pesquisadora Feres-Carneiro (1987) constatou que a boa relação do casal é sem dúvida fundamental para o desenvolvimento emocional dos filhos, que crescerão saudáveis física, social e psicologicamente, ao passo que, ao contrário, podem ficar traumas e perturbações que os acompanharão por toda a vida. Então, cômico dos sofrimentos e seqüelas que uma separação traz para o casal e os filhos, urge de todas as pessoas bem intencionadas no bem - estar dos cônjuges, das famílias e da sociedade um trabalho em que sejam investidos todos os meios possíveis para concretizar os caminhos que darão consistência a este processo de integração do homem e da mulher, sem perder os parâmetros que favorecem uma sensata e calorosa relação conjugal solidária, o que por vezes, não sendo possível, a alternativa desemboca na separação.

Um grupo de pesquisadores e cientistas realizou no Brasil, entre os quais, Feres-Carneiro (1987), Woods (1987), Penso (1987), Wagner, Falber, Meza (1997), trabalho relacionado a promover a saúde da família recasada sem precisar a diferença variável, significativa do primeiro

casamento ou até mesmo das famílias reconstituídas. Tendo como critério acompanhar as variáveis implicadas no desenvolvimento emocional da criança, do adolescente e a própria situação do casal e sua inter-relação com os filhos e toda sua gama de parentesco, que passam a integrar a referida no sentido de dar funcionalidade a esta experiência conjugal.

Nesta dinâmica as indagações apresentadas pelos pesquisadores serão uma boa contribuição para fazer pensar os conflitos, os medos, as inseguranças, os anseios e as expectativas pelo fato de na família recasada haver uma maior complexidade no modo de se constituir enquanto família. Nelas as relações naturalmente se alteram, se ampliam, basta pensar nos avós, nos tios, nos irmãos e nos parentes, o que supõe uma cautela, uma paciência histórica, um profissional competente e dedicado que ajude essa família a tornar valioso o projeto de vida que estão cultivando.

Independente da terapia de casal oferecer elementos para os cônjuges decidirem continuar juntos ou separar-se, a motivação deste trabalho é ater-se às questões relacionadas à saúde do casal e por extensão também dos filhos, por isso afirmam respectivamente Lemaire (1998) e Wnnicott (1971):

“o espaço interno do casal é semelhante ao espaço transacional, pois nasce do encontro entre os mundos internos e externos dos parceiros. Trata-se de um espaço misterioso, de oscilação contínua, em que cada cônjuge é uma “extensão do outro”, mas ao mesmo tempo é “diferenciado do outro”. Uma certa fusionalidade faz parte da vida “normal” e adulta, como observa Nicolló (1988)”. (FERES-CARNEIRO, 1998).

As diversas análises têm contribuído para questionar, aprofundar e encaminhar horizontes delineadores destas problematizações que se inserem no contexto da conjugalidade. Pois para Ruffiot (1981), se a idealização da paixão desemboca na ilusão da fusionalidade, o inverso disto, que o autor chama de repetição da loucura amorosa, é um desgaste psíquico, o que pode comprometer a pessoa como um todo.

A crise da modernidade afetou veementemente as relações humanas pelas inversões dos valores, onde a fraternidade, a liberdade, a justiça, a gratuidade perderam a primazia para a lógica do mercado onde o lucro, o capital sobre o discurso do progresso comprovam que é inconsistente, e por isso busca-se estudar, analisar, tendo por meta resgatar elementos que, sendo tansculturais, não podem ser massificados pela economia de mercado.

Como o ar que se respira, esta concepção penetra as relações sociais, a conjugalidade e a família, que são exatamente o anverso dessa realidade que está em situação deficitária. A dádiva, como explicita Jacques T. Godbout, está para além de uma relação simétrica igualitária ou até marcadamente operacionalizada como troca mercantil e satisfação das equivalências.

Apesar das críticas ou afirmações de que a dádiva não existe, percebemos sua existência, sobretudo na família, onde a vida é a sua maior expressão. Mesmo diante de todas as controvérsias e antagonismos, a oblatividade, a doação, a solidariedade e o amor jamais serão ofuscados.

“Não é exagero dizer que a lei da exogamia é o arquétipo de todas as outras manifestações que têm como base a reciprocidade (Lévis-Strauss,1967). Esse encontro entre dois estranhos que produz o núcleo da família é o “centro” incontornável da relação de dádiva. A transmutação de um estranho e familiar é o fenômeno básico da dádiva que permite em seguida a reciprocidade”. (GODBOUT, 1999, p.41).

As vãs promessas de realização, de cunho mercadológico, é o retrato da segregação social onde o consumismo exalta e valoriza uns em detrimento de uma enorme massa sobrando que são os pobres.

Evidente que tais mudanças afetaram os aspectos sócio-religiosos, com a religião de mercado que as igrejas eletrônicas têm expandido. Sobretudo nas camadas mais pobres da população, com um discurso religioso onde a prosperidade, fenômeno da cura imediatista e uma leitura moralista, fundamentalista e que promete ser detentora de forças espirituais que expulsam seus demônios. Isto é a alienação dos seus adeptos.

Especificamente, estes indivíduos, privados de progresso e ascensão social ou falta de oportunidade aos bens que a nação dispõe e não são dignamente distribuídos, é óbvio que se refugiar ideologicamente nestas vertentes poderá acontecer que as angústias, a mísera situação e a ignorância serão camufladas pela concepção de um Deus que recompensará no outro mundo o que neste não foi contemplado com as condições favoráveis de dignidade.

Lamentável que espúrios interesses estão sub-repticiamente transitando nestes meios, certos de que esta não é a via condizente com as necessidades de superação deste marasmo. No entanto, enquanto a consciência do povo permanece neste estágio, uma pequena minoria se beneficia.

É de tal relevância a perspicácia e a persuasão usadas nestes discursos que todos os convertidos, renovados, ungidos, abençoados e salvos, segundo os protagonistas orientadores de tais grupos, estão redimidos e salvos. Quanto aos que estão fora deste cerco, são produto de um meio social que gera violência, fome e doenças. Em decorrência se tornam objeto de espoliação do capital e exploração em vários âmbitos. Por isso a marginalidade muitas vezes é o caminho onde acontece a explosão, já que a religiosidade, a família, o estado e a sociedade não viabilizaram soluções.

“Não podemos colocar em dúvida a importância da família no que concerne à formação dos gostos dos indivíduos, dos filhos. O estilo de vida, o tipo de educação, a opção religiosa, são referências construídas no seio familiar.”
(COSTA, 2004, p.62)

O cenário que temos hoje em nosso país, de modo particular é um grande questionamento mediante o potencial e a capacidade que imersa na nossa cultura revela uma tradição histórica de homens e mulheres que, por coerência as suas consciências, deram suas vidas proclamando o direito, a dignidade e a justiça.

É urgente um basta e um repúdio a todos os sinais, que objetivamente ferem, maculam, menosprezam e destróem os sonhos e as perspectivas de nosso povo e o expõem a mercê da barbárie.

Se não bastassem 500 anos submissos ao predomínio dos que nos exploraram, hodiernamente a corrupção, a violência ideológica fincada e disseminada com largueza, tem-se paralelamente a impunidade que, amparada por leis iníquas e o corporativismo, de parte de nossos governantes, expande a miséria, oriunda da traição dos que tendo sido designados para representar administrativamente a nação, cometem tamanhas atrocidades se beneficiando do poder público.

O pesquisador João Carlos Petrini em sua obra Pós-Modernidade e Família relata a importância da Igreja Católica no “movimento de natal”, em 1950, no Rio Grande do Norte. A inserção da fé no cotidiano da população deixou significativo marco de fidelidade cristã aos princípios do evangelho, fazendo nexos com a cidadania no Brasil.

A MÍSTICA CRISTÃ E OS EFEITOS NO MATRIMÔNIO E NA FAMÍLIA

“O futuro do mundo passa pela família” (João Paulo II, 2005, p.151). Esta célebre frase de João Paulo II é carregada de denso significado. Tendo-se em mente a complexidade da macro - realidade que nos envolve, sem dúvida é pela multicolaboração das forças operativas que e

compõe o destino do homem que, traçando seus horizontes, poderá vislumbrar metas consistentes em favor da família.

Acompanhando os finais dos tempos, um dos eventos mais significativos do século passado foi o repensar e o atualizar-se da igreja frente a sua ação evangelizadora.

E nisto o Concílio Vaticano II tem até nossos dias, desde meados dos anos 60, inspirado a igreja a prosseguir o seu itinerário de atuação inspirado no espírito de Jesus, o missionário do Pai, a proclamar as alegrias do reino e denunciar os sinais contrários ao projeto revelado por Ele sobre os desígnios do Pai.

A constituição pastoral *Gaudium Et Spes* explicitada no âmbito das alegrias e esperanças que emanam da fidelidade aos anseios do Pai, assumidos por Jesus e assiduamente assistidos pelo Espírito Santo, doravante na história nos farão adentrar no mistério que se contemplará pela concretização de um mundo desejado por Deus para compleição da humanidade.

“A família é em certo sentido uma escola de enriquecimento humano. Mas para atingir a plenitude de sua vida e de sua missão requer a comunhão de alma no bem querer, a decisão comum dos esposos e a diligente cooperação dos pais na educação dos filhos, é de grande proveito para formação desses na presença ativa do pai. Mas, sem desprezar a legítima promoção social da mulher deve se pôr a salvo o cuidado da mãe em casa (...) Por isso todos aqueles que exercem influência nas comunidades e nos grupos sociais devem trabalhar eficazmente para a promoção do matrimônio e da família” (Compêndio do Vaticano II, 1982, p.202, 203) .

E a Igreja, portadora de um significado incomensuravelmente indispensável, perpassa o tempo e o espaço para fazer chegar a todos os homens a mensagem de Jesus que, assumindo a nossa história, fez-se oblação. Por isso, cônica de sua missão, proclama o inviolável direito da dignidade humana e fiel ao carisma de seu fundador, conclama a toda a sociedade e todas as instâncias a continuamente verificar os destinos percorridos pela humanidade, suas interações, e suscitar, compreender as dimensões e os alcances sem os quais todos os destinos e convivência humana estariam drasticamente comprometidos. Numa encíclica dirigida aos católicos e indistintamente a todos os homens de boa vontade, afirma o Papa João Paulo II:

“Se a primeira “via da Igreja” é a família, importa acrescentar que também a civilização do amor é “via da Igreja”, que caminha no mundo e chama a seguir por tal via as famílias e as outras instituições sociais, nacional e internacional, precisamente por causa das famílias e através das famílias. A família depende realmente e por diversos motivos da civilização do amor, onde encontra as razões do seu ser família. E, ao mesmo tempo a família é o centro e o coração da civilização do amor”. (João Paulo II, 1994. p.49)

Que a globalização seja extensivamente proporcionadora de positivos contributos onde no seu bojo a fraternidade, o respeito aos povos e as diversas culturas, a solidariedade, a comunhão e a promoção do bem comum façam parte de todas as esferas onde pulsa o coração humano e faça jus a palavra de Deus, que criou o homem a sua imagem e semelhança. Sendo a família o cerne da sociedade, constituiu-se a célula vital e primária, os fundamentos do ser humano, onde o equilíbrio, o encadeamento das gerações, a harmonia, e a realização são transmitidos sucessivamente na história.

Neste contexto a Igreja, atenta aos possíveis riscos de desintegração, do equilíbrio da sociedade, coloca no âmbito da sua missão as indagações sobre o homem, para assim balizar sempre os parâmetros e orientações que trarão garantia de estabilidade a todo o cosmo.

Numa civilização golpeada pelo relativismo, liberalismo e consumismo, o Homem e a Mulher, na riqueza de suas diferenças, sem esgotar o incomensurável dom da sua vida, dão

impulso ao seu destino, e os cristãos são convocados a manifestar a sua participação em comunhão com todos os homens que trabalham por uma vida digna para todos.

Evidente que uma sociedade em mudança necessita da ajuda e união das diferenças de todos que são vítimas de um mundo construído no fluxo contrário ao cerne de seus princípios indispensáveis à sua funcionalidade e ânimo dinamizador.

É mister que a Igreja, fiel a sua missão, ofereça todos os recursos e metas que lhe são próprios do exercício pastoral. Atendo-se ao múnus de santificar, a mesma é mediadora para todos os homens, que solícitos a vocação do criador têm no sacramento do matrimônio o suporte, a fonte e a graça na plenitude no Espírito de Deus. Discernirão à luz da palavra de Deus e pujante ação missionária da Igreja, o educar-se a partir ao encontro do outro em igual sintonia dos corpos, do sexo e da vida!

Artigo VI - A sagrada escritura abre-se com a criação do homem e da mulher à imagem e à semelhança de Deus e fecha-se com as “núpcias do cordeiro”. De um extremo a outro a Escritura fala do casamento do seu “mistério” de sua instituição e do sentido que foi dado por Deus, da sua origem, e do seu fim” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p.378).

O matrimônio cristão, fundamento no batismo e tendo por ápice vitalizador a Eucaristia, sela este compromisso da aliança conjugal representando aliança do amor de Cristo com a Igreja, que é continuamente alimentada no banquete do sacrifício de Jesus e assume a perpetuação de seus gestos, sinais, palavras e atos. “Eu vim para que todos tenham vida.” (João 10, 10).

E fiel à realização de sua promessa de que estariam sempre conosco, Jesus os impele aqui neste peregrinar na história, na vivência do matrimônio e familiaridade a que todos os homens comecem a vislumbrar o que é reservado nas núpcias definitiva. Já se iniciam aqui, e perfeitamente será assumida com afinco na eternidade.

Abraçados pela misericórdia de Deus que é amor, o casal no exercício do dom do sacramento do matrimônio é continuamente chamado à conversão e ao compromisso de que, assumindo os desafios inerentes ao seu tempo, se abram à mística cristã que incidirá sobre os mesmos, e assistidos pelo Espírito Santo saberão interagir no cotidiano como expressão da responsabilidade cidadã. O que seria incoerência se se descuidasse destes aspectos fundamentais da civilização do amor. “A família é a via da Igreja”. “Nesta carta desejamos professar e anunciar juntos essa via que através a vida conjugal e familiar conduz ao reino dos céus”. (João Paulo II, 1994, p.59).

Esta mística, presença consoladora de Jesus presente na sua Igreja, é pontificada e renovada pela oração que dará centralidade unindo-a no seu Senhor que “ontem, hoje e sempre” (Hb, 13,8) será o mesmo que sob o testemunho de nossos antepassados realizou maravilhosos feitos.

“A oração familiar tem suas características. É uma oração feita em comum, marido e mulher juntos, pais e filhos juntos. A comunhão na oração é ao mesmo tempo, fruto e exigência daquela comunhão que é dada pelos sacramentos do batismo e matrimônio. Aos membros da família cristã podem aplicar-se, de modo particular, as palavras com que Cristo promete a sua presença: “Digo-vos ainda se dois de vós se unirem, na terra, para pedir qualquer coisa, meu Pai que estás nos céus vos será concedido. Pois onde estiverem reunidos em meu nome dois ou três, eu estou no meio deles”. (Mt 18, 19s).

Assim imbuído pela vocação, todo cristão é convocado a trabalhar para que a família, santuário da vida, seja ileso das violações que trariam trágicos destinos ao futuro do cosmo e de toda a humanidade.

REFERÊNCIAS

- AGNELO, Geraldo M. A família Hoje. A TARDE, Salvador, BA: 09/07/2006.
- BENTO XVI (papa). Carta Encíclica: Deus Caritas est. São Paulo, SP: Paulinas, 2006.
- CANEVACCI, Massimo. Dialética da Família. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Editora Vozes; Editora Loyola; Editora Ave-Maria, 1993.
- DONATI, Pierpaolo. Manual de Sociologia de la Família. Pamplona:España, EUNSA, 2003.
- FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Psicologia: reflexão e crítica. v.11.n.2., Porto Alegre: PUC-RJ, 1998.
- GODBOULT, Jacques T. O Espírito da Dádiva. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- JACQUET, Cristine e COSTA, Livia Fialho (orgs.). Família em Mudança. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004.
- OGNIBENI, Bruno. Notas sobre o Matrimônio na Sagrada Escritura. Salvador, BA: UCSAL, 2006.
- PAULO II, João (papa). A Missão da Família Cristã no mundo de hoje. São Paulo, SP: Paulinas, 2005.
- PAULO II, João (papa). Carta às Famílias. São Paulo, SP: Paulinas, 2004.
- PAULO II, João (papa); PETRINI. J. C. e SILVA, J. M. (Orgs.). Homem e Mulher o criou. . Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- PEIXOTO, C., SINGLY, F., CICHELLI, V. (orgs.). Família e Individualização. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2000.
- PETRINI, J. C.; CAVALCANTI, V. (orgs.). Família , Sociedade e Subjetividade. Petrópolis: Vozes, 2005.
- PETRINI, João Carlos. Pós-modernidade e Família. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- SALEM, Tânia. O casal Igualitário: princípios e impasses. RBCS n.9, vol. 3, fev. de 1989.
- SALEM, Tânia. Conflito, poder e negociação na família: a questão geracional. Rio de Janeiro; Revista de Ciências Sociais, vol. 23, n. 2, 1980, pp. 185 a 200.
- SCOLA, Angelo. O Mistério Nupcial. Bauru, SP:EDUSC, 2003.
- TORRES, Anália Cardoso. Casamento: Conversa a duas vozes e em três andamentos. IV Congresso Português de Sociologia.

VIER, Frederico, O.F.M.(coord.). Compêndio do Vaticano II:Constituições, Decretos e Declarações. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

IV CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Santo Domingo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.